

A ESPETACULARIZAÇÃO DA NAÇÃO: MERCADO, ESTÁDIOS E A CONSTRUÇÃO DE UM CENÁRIO SOCIOECONÔMICO NOS JOGOS DO CENTENÁRIO DE 1922 (RIO DE JANEIRO) E NOS JOGOS BOLIVARIANOS DE 1938 (BOGOTÁ)

THE SPECTACULARIZATION OF THE NATION: MARKET, STADIUMS AND THE CONSTRUCTION OF A SOCIOECONOMIC SCENARIO IN THE 1922 CENTENARY GAMES (RIO DE JANEIRO) AND THE 1938 BOLIVARIAN GAMES (BOGOTÁ)

Eduardo de Souza Gomes

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ)

Resumo: Este presente artigo tem por objetivo, com base no arcabouço teórico da História Comparada, realizar uma análise acerca das questões socioeconômicas que se materializaram em dois eventos: os Jogos do Centenário, organizados em 1922 dentro dos festejos do centenário da independência do Brasil; e os Jogos Bolivarianos de 1938, ano que se festejou os quatrocentos anos de Bogotá, capital da Colômbia. Para tal foram utilizadas diferentes fontes (periódicos, arquivos, registros), para assim se analisar como os estádios que foram centrais em tais eventos (Estádio das Laranjeiras no Rio de Janeiro, tal como El Campín e Estádio da Cidade Universitária em Bogotá), se materializaram enquanto espaços de construção de uma ideia de mercado espetacularizado a partir do esporte, pensando também as relações internacionais em ambos os casos.

Palavras-chave: Jogos do Centenário; Jogos Bolivarianos; Espetacularização.

Abstract: This article, using the theoretical framework of Comparative History, aims to analyze the socioeconomic issues surrounding two events: the Centennial Games in 1922, during the celebrations of the centennial of Brazil's independence; and the Bolivarian Games of 1938, the year in which Bogotá, the capital of Colombia, celebrated its 400th anniversary. Various sources (newspapers, archives, and records) were used to analyze how the central stadiums (Estadio das Laranjeiras in Rio de Janeiro; El Campín and Estadio de la Ciudad Universitaria in Bogotá) served as spaces for the construction of a market and spectacularization through sport, while also considering international relations in both cases.

Keywords: Centennial Games; Bolivarian Games; Spectacularization

Neste artigo, serão abordadas algumas das questões mais centrais que se relacionam com o mercado e a economia dos Jogos do Centenário, ocorridos em 1922 no Rio de Janeiro em virtude dos festejos do centenário da independência do Brasil; e dos primeiros Jogos Bolivarianos, ocorridos em 1938 em Bogotá, dentro das comemorações dos 400 anos da capital colombiana.

Busca-se com esse exercício estabelecer, de forma comparativa, os diálogos possíveis entre os jogos esportivos ocorridos no Brasil e na Colômbia. Pensar como a lógica econômica se relaciona com as questões sociais, políticas e culturais de ambos os jogos, se faz importante, notadamente quando se analisa a estrutura montada para a organização dos eventos em si.

Tendo em vista essas referências, algumas questões se fazem necessárias para reflexão: Como foram pensados tais eventos e quais os gastos envolvidos? Como foram construídos ou reformados os estádios e espaços utilizados? Quais os valores dos ingressos? De onde partiu tais investimentos? Como isso influenciou no cenário mais amplo do contexto latino-americano?

Para responder tais questões, será aqui analisado, pelo viés econômico, diferentes questões que se relacionam aos principais estádios utilizados enquanto sedes nos Jogos de 1922 e nos Jogos de 1938. Entender os gastos para tais obras, os atores envolvidos, os valores dos ingressos e os possíveis clubes/agentes dominantes, são algumas das problematizações a serem realizadas.

Para tal, destaca-se que serão referenciados os seguintes espaços esportivos: Estádio da Rua Álvaro Chaves,¹ popularmente conhecido como “Estádio das Laranjeiras”, que então era o maior estádio do Brasil e foi o principal equipamento utilizado para sediar os Jogos do Centenário de 1922. Trata-se de um estádio privado que pertence, até a atualidade, ao Fluminense Football Club e está localizado na cidade do Rio de Janeiro; Estádio Nemesio Camacho,² “El Campín”, um dos maiores estádios da Colômbia e o maior da capital Bogotá até a atualidade, sendo um espaço público municipal e que foi utilizado como principal palco dos Jogos Bolivarianos de 1938; e Estádio Alfonso López

¹ Em 2004, teve sua nomenclatura alterada para “Estádio Manoel Schwartz”. Manoel Schwartz foi presidente do Fluminense de 1984 a 1987 e, em novo mandato, de 1998 a 1999.

² Nemesio Camacho foi um advogado, político e empresário colombiano, sendo o proprietário do terreno que foi doado para a construção do estádio, que passou a levar seu nome.

Pumarejo,³ também conhecido como “Estádio da Cidade Universitária”, que foi o segundo principal espaço para as disputas dos Jogos Bolivarianos de 1938, sendo até hoje parte integrante da Universidad Nacional de Colombia – Sede Bogotá.

Quando se analisa a História Contemporânea, marcada pelo desenvolvimento do sistema capitalista, das indústrias e do avanço tecnológico, é impossível perspectivar uma análise crítica desse cenário sem resvalar em questões relacionadas à economia e ao mercado como um todo. A ideia de consolidar práticas sociais que pudessem ser vendidas como “espetáculos”, está diretamente relacionada ao desenvolvimento de variadas formas de entretenimento a partir dos séculos XVIII e XIX, fruto da modernidade que se expandia. E a comparação nos possibilita ampliar, de forma ampla, esse olhar acerca dos referidos objetos.

Pensar a sociedade historicamente a partir de aspectos econômicos, não se trata apenas de referendar um ou outro dado relacionado à números de um certo período, mas sim de problematizar como tais números se relacionaram com os avanços sociais, políticos e culturais de um tempo, marcado essencialmente pela busca exacerbada pelo capital financeiro. Destaca Luiz Carlos Soares, acerca dessa mudança de mentalidade e estrutura social que exponenciou o avanço do mercado a partir do século XVIII, que

Neste século, verificou-se mais intensamente o desenvolvimento de uma sociedade baseada nos valores da propriedade privada e da acumulação de riqueza material como fator do progresso humano. Assistia-se, de fato, ao nascimento da sociedade capitalista que reiterava a importância estratégica da iniciativa privada, mas ao mesmo tempo considerava o “mercado”, formado por produtores de bens diversos, profissionais que ofereciam serviços de diferentes tipos e consumidores de diversas categorias, a partir de uma nova concepção de “esfera pública”. Isso pode ser verificado no próprio significado da expressão *the market place* que, no inglês setecentista, teve cada vez mais acentuada a sua dimensão pública. As esferas privada e pública não eram excludentes, mas integradas e complementares na constituição desta nova ordem social e de um ideário que, posteriormente (no decorrer do século XIX), seria associado à democracia burguesa (Soares, 2007, p. 139).

Trata-se assim, de buscar identificar como tais “números” se materializaram em mudanças concretas na vida social, no desenvolvimento de distintos setores e classes, tal como na afloração (ou não) das desigualdades. Se for analisado o processo histórico que

³ Presidente da Colômbia de 1934 a 1938, tal como de 1942 a 1946, López Pumarejo foi homenageado e passou a dar nome ao Estádio da Cidade Universitária.

marca o desenvolvimento do sistema capitalista e o paulatino domínio burguês no cenário global, é notório o quanto as relações econômicas proeminentes desse processo se fizeram importantes para se entender os padrões culturais que, desde então, se consolidaram em diferentes partes do planeta. Sendo assim, a economia torna-se uma luz que permite identificar como as relações materiais se esbarram com algumas das práticas culturais que mais se disseminaram nesse percurso, como é o caso do esporte.

Também pode-se destacar nesta perspectiva, a relação existente entre os acontecimentos econômicos de um tempo e a política. Do século XIX para frente, é praticamente impossível desassociar tais campos, por mais que, em alguns trabalhos historiográficos ou no âmbito das Ciências Sociais como um todo, essa desvinculação as vezes ocorra, de forma equivocada.

As disputas econômicas e a construção de mercados no sistema internacional, marcam o cenário de transição dos séculos XIX para o XX, caracterizado pela consolidação dos nacionalismos exacerbados e das disputas entre tais nações. Não obstante, destaca Eric Hobsbawm, foi esse o cenário que fez com que tivéssemos, no século XX, a culminação da “Grande Guerra”, marcada pelo choque nacionalista entre diferentes potências globais e dividida em dois conflitos que marcaram o mundo entre 1914-1918 e 1939-1945. Explicita ainda o autor, acerca desses e outros fatores relacionados aos conflitos dessa centúria, que

a estrutura do Breve Século XX parece uma espécie de tríptico ou sanduíche histórico. A uma Era de Catástrofe, que se estendeu de 1914 até depois da Segunda Guerra Mundial [...] Locais, regionais ou globais, as guerras do século XX iriam dar-se numa escala muito mais vasta do que qualquer coisa experimentada antes. Das 74 guerras internacionais travadas entre 1816 e 1965 que especialistas americanos, amantes desse tipo de coisa, classificaram pelo número de vítimas, as quatro primeiras ocorreram no século XX: as duas guerras mundiais, a guerra do Japão contra a China em 1937-9, e a Guerra da Coréia. Cada uma delas matou mais de 1 milhão de pessoas em combate. A maior guerra internacional documentada do século XIX pós-napoleônico, entre Prússia-Alemanha e França, em 1870-1, matou talvez 150 mil pessoas, uma ordem de magnitude mais ou menos comparável às mortes da Guerra do Chaco, de 1932-5, entre Bolívia (pop. c. 3 milhões) e Paraguai (pop. c. 1,4 milhão). Em suma, 1914 inaugura a era do massacre (Hobsbawm, 1994, p. 14 e 26).

Utilizar-se da economia enquanto prisma de análise historiográfica, é entender também que tais aspectos não estão desconectados das perspectivas culturais, sociais e

políticas. Se relaciona, assim, com a busca por fatores que, oriundos da economia, influenciam diretamente nas relações sociais explícitas no mundo contemporâneo e globalizado. Por exemplo, como alerta José D'Assunção Barros, “uma História Econômica que se limite descritivamente a enunciar informações quantificadas seria análoga, na história narrativa, à mera factualidade. Uma curva de preços não pode ter valor por si mesma” (Barros, 2008, p. 36).

Colocar os fatos econômicos de uma sociedade em perspectiva histórica é, segundo João Malaia, umas das principais tarefas do profissional dessa área. Trata-se de não desconectar a economia dos demais aspectos que se materializam na vida cotidiana, seja em uma perspectiva macro ou micro. Isso, inclusive, exponencia o quanto uma competição esportiva deve ser considerada enquanto fato histórico a ser analisado, tamanha é a importância da presença econômica em seu seio. Esse cuidado requer uma análise minuciosa que relaciona o trabalho do historiador econômico com parte dos referenciais conceituais da própria Economia enquanto área, pois

convém sempre tomar como provisórias as explicações fornecidas pelas teorias econômicas, que tendem a tornar-se obsoletas, quando as mudanças da realidade empírica são mais rápidas que as dos paradigmas científicos estabelecidos (Szmrecsányi, 2008, p. 41).

Assim, quando olhamos para as relações entre a História Econômica e o esporte, é impossível realizar uma desassociação das ideias de mercado com a construção espetacularizada que se consolidou historicamente nas competições de modalidades esportivas, notadamente nas disputas do esporte em alto rendimento. Como entender que público pode ir a um jogo de futebol, desconsiderando o valor dos ingressos? Como saber quem pode ou não ser sócio desse mesmo clube, sem analisar os valores das mensalidades que, por si só, já delimitam um corte de classe específico? São várias as questões que, desde o século XIX, nos permite relacionar o esporte com o mercado e, por consequência, com os aspectos sociais da economia. Como problematizam Melo, Drumond, Fortes e Malaia,

Os esportes, em grande medida, relacionam-se com o desenvolvimento do capitalismo e uma série de alterações que configuraram uma nova ordem, tais como o aumento do número de assalariados, a redução da jornada laboral, a urbanização e o desenvolvimento nos sistemas de transporte. Estão alicerçados em dimensões (ou valores) como

competição, produtividade, secularização, igualdade de oportunidades, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados e fixação de regras (Melo; Drumond; Fortes; Malaia, 2013, p. 84).

No Brasil em 1922, muitos foram os indícios que nos permite evidenciar a importância da economia para a melhor compreensão dos Jogos do Centenário e suas relações sociais. A construção do evento se deu a partir de aparatos ligados ao mercado e, principalmente, a efetivação de um público gestado via esporte para a consolidação dos certames. Indo além do esporte, é válido destacar, também, o quanto os festejos do centenário como um todo, como no advento das Exposições Internacionais organizadas, se basearam em questões de mercado e economia dentre aqueles que pensaram sua organização.

A realização dessas exposições no ano em que o país completava um século de sua independência, está incluída em um projeto de inserção da nação dentro da diplomacia internacional, como vem sendo demonstrado nesta tese. A questão da busca por uma cadeira na Liga das Nações, foi algo importante neste processo e que merece ser destacado. Percussora da atual Organização das Nações Unidas (ONU) e fundada no âmbito do Tratado de Versalhes,

A Liga das Nações, ou Sociedade das Nações, criada ao término da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com sede em Genebra, na Suíça, foi a primeira organização internacional de escopo universal em bases permanentes, voluntariamente integrada por Estados soberanos com o objetivo principal de instituir um sistema de segurança coletiva, promover a cooperação e assegurar a paz futura. Os 26 artigos do Pacto da Liga foram incorporados à primeira parte do Tratado de Versalhes, tratado de paz entre as potências aliadas e associadas, de um lado, e a Alemanha derrotada, de outro, assinado em Versalhes em 28 de junho de 1919. A organização praticamente deixou de funcionar com a eclosão da Segunda Guerra Mundial em 1939, e foi oficialmente desativada em abril de 1946 (Garcia, Verbete CPDOC/FGV – *Liga das Nações*, p. 1).

Se inserir nesse âmbito diplomático fez parte do projeto de internacionalização do país, dentro de um cenário pós-Primeira Guerra Mundial e marcado por distintos projetos de nação espalhados Brasil a fora. Nota-se que, na perspectiva das relações internacionais e evitando anacronismos, os países então criadores da Liga das Nações são aqueles que hoje chamaríamos de “desenvolvidos” ou “centro”, de acordo com o campo de estudos da política externa nas Relações Internacionais.

O Brasil estaria, assim, dentre as nações “periféricas” ou “subdesenvolvidas”. Todavia, teve um projeto de nação que, pelo menos em tese ou simbolicamente, buscava se aproximar das grandes potências europeias e dos Estados Unidos. Isso explicita o afastamento identitário do país com a região em que está inserido, que é a América Latina. Não é absurdo pensar no ano de 1922 em um Brasil que se colocava de “costas para a América do Sul e de frente para a Europa” (Bethell, 2009).

Todas essas características vão ao encontro das colocações feitas por Pierre Bourdieu (1983), quando o autor se propôs a lançar olhares sobre o esporte enquanto objeto e, assim, definir conceitualmente o que chamou de “campo esportivo”. Mesmo reconhecendo os avanços conceituais acerca dos debates já existentes na área de História do Esporte sobre aquilo que se denomina de campo esportivo,⁴ é importante destacar o quanto essa pesquisa caracteriza as peculiaridades e condições para que uma prática esportiva moderna se consolide. Dentro dessas condições, a questão de gestar um mercado ao redor da modalidade esportiva que está se desenvolvendo, é um dos pilares para, segundo Bourdieu, se determinar se naquela prática há, ou não, um campo esportivo demarcado. Destaca o autor, sobre o processo de espetacularização dos esportes, que

O esporte espetáculo apareceria mais claramente como uma mercadoria de massa e a organização de espetáculos esportivos como um ramo entre outros do show business, se o valor coletivamente reconhecido à prática de esportes (principalmente depois que as competições esportivas se tornaram uma das medidas da força relativa das nações, ou seja, uma disputa política) não contribuisse para mascarar o divórcio entre a prática e o consumo e, ao mesmo tempo, as funções do simples consumo passivo (Bourdieu, 1983, p. 10).

Por esses motivos, também, que as exposições foram pensadas de maneira internacional nos festejos do centenário, como explicitado ainda na primeira parte do capítulo 1 desta tese. João Malaia destaca que, levando em conta que em outubro de 1922 ocorreria a 3^a Assembleia do Conselho da Liga das Nações (onde o Brasil gostaria de passar uma imagem positiva), realizar

⁴ Para maiores informações, ver a categoria “História das Práticas Corporais Institucionalizadas”, proposta em MELO (2010) e MELO; DRUMOND; FORTES; MALAIA (2013).

Eventos como a Exposição Internacional e a competição esportiva apresentavam-se como oportunidades ímpares para homenagear as autoridades internacionais presentes no país e estreitar as relações com os indivíduos que realmente faziam o jogo da política internacional, tais como presidentes, ministros e embaixadores (Malaia, 2011a, p. 157).

A busca por uma inserção no cenário internacional via práticas esportivas, já se iniciara antes de 1922. A criação da Confederação Brasileira de Desportos em 1916 e a filiação da mesma à FIFA e ao COI, demonstrava alguns dos interesses de internacionalizar o Brasil no âmbito do esporte. A entidade foi criada contando com a participação e intervenção direta do então Ministro das Relações Exteriores, Lauro Muller. O ministro não só interveio para acalmar os ânimos entre as lideranças de Rio de Janeiro e São Paulo, que disputavam o poder para saber quem teria maior preponderância na entidade, como também vinculou a CBD ao projeto geopolítico de realização das competições internacionais, proposto no futebol pela recém-criada CSF.⁵

João Malaia destaca (2011a, p. 155) que, para entender economicamente os movimentos que gestaram os jogos de 1922, é importante olhar para tal evento a partir de três perspectivas mais centrais:

. 1- Como foi realizada a montagem da infraestrutura dos jogos? Quem foram os responsáveis pela administração do evento, realização de obras, pagamento de despesas e investimentos? Qual a importância de entidades, como a CBD, neste processo? E de clubes, como o Fluminense F. C.? E como alguns dirigentes, como Arnaldo Guinle, figura que não só exerceu grande influência no esporte do contexto, como também na sociedade em geral, se inseriram no evento?

. 2- Como ocorreu a montagem do selecionado nacional, notadamente de futebol? Essa questão é levantada com centralidade por João Malaia, no caminho para melhor se compreender os fatores socioeconômicos que moldaram a agenda esportiva de 1922. Mesmo tendo sido problematizado nas duas partes anteriores deste capítulo, esse segundo ponto destacado por Malaia enriquecerá as análises aqui colocadas, não impossibilitando assim um maior aprofundamento sobre a temática;

3- Por último, Malaia destaca a importância do torcedor como terceiro ponto a ser questionado, considerando ser também esse aquele que exerce o consumo e, com isso, faz rodar o mercado que cercava as modalidades esportivas. Este é para o autor o

⁵ Confederação Sul-Americana de Futebol, atual Conmebol.

elemento central para se pensar, principalmente quando se trata da relação entre esporte e espetáculo. Quanto custava ser um torcedor em 1922? Quais as diferenças entre um torcedor do Rio de Janeiro, então capital, e de outras localidades do país, considerando as dificuldades de deslocamento, avanço social e político, tal como inserção no cenário internacional? Como pensar esse cenário econômico dentro de um contexto ainda amador e, por que não, em alguns pontos ainda marcados por certo elitismo? Quais comparações podem ser estabelecidas entre torcedores do Rio de Janeiro e Bogotá?

Malaia demonstra que é necessário, assim, identificar

quanto custava ser torcedor, notadamente torcedor da seleção brasileira nessas competições. A venda de ingressos nessas competições, um serviço prestado pelo qual um consumidor se dispõe a pagar um preço pré-determinado, foi feita pela CBD. Os ingressos são um tipo de mercadoria elástica ao preço, ou seja, “tem a elasticidade de se ajustar às flutuações da procura”.²¹ Por isso, seus preços foram exageradamente inflacionados em relação aos ingressos cobrados nas competições locais, devido ao grande sucesso dos eventos e à grande procura por bilhetes (Malaia, 2011a, p. 165).

Desde 1919, quando foi pela primeira vez sede do Sul-americano de futebol e de outras modalidades (como polo aquático e natação), já se faz possível identificar como um evento esportivo de grande porte poderia movimentar a vida econômica de um espaço, cidade ou até mesmo um clube, como foi o caso do Fluminense de Arnaldo Guinle. Esse caso será analisado de forma mais minuciosa na sequência.

Ainda no cenário dos jogos em 1919, diferentes fontes apontam para a organização dos eventos a partir da preponderância do Fluminense enquanto espaço que abarcaria partidas e competições. Com isso, algumas obras foram realizadas para que pudessem ampliar o Estádio das Laranjeiras (na época já o maior e, também, considerado o melhor do país, de acordo com boa parte da imprensa especializada). Arnaldo Guinle, que tanto presidiu a CBD em seus primórdios (da fundação em 1916 até 1920), como estava ligado ao clube, foi quem articulou todo o processo.

O estádio, criado em 1914, passou a suportar 18 mil espectadores para o evento sul-americano de futebol de 1919. E, ainda nesse ano, Guinle conseguiu garantir o palco como sede central dos jogos que viriam a ocorrer em 1922. Provavelmente, nesse contexto, o cartola ainda não sabia da centralidade do clube alcançaria na efetivação do

evento do centenário do Brasil. Os empecilhos diversos de outros agentes que, posteriormente, fizeram do Fluminense o principal responsável pela organização da agenda esportiva dos festejos, como fora aqui explicitado no capítulo anterior.

Várias foram as negociações para que a sede do Fluminense se tornasse o palco principal dos Jogos do Centenário em 1922. E não só em relação ao futebol. Outras modalidades também foram organizadas e tiveram suas competições disputadas na sede do clube. Foi o caso da esgrima, como é possível visualizar na carta abaixo, escrita de forma oficial pela CBD com destino ao clube:

Tendo já escolhido no F.F.C. local para treinamento e realização das provas de esgrima, solicito vossas providências para que por intermédio da C.B.D., me seja facilitada a ocupação do mesmo local após prévio entendimento pessoal com a diretoria daquele club. Para as provas e treinamento de espada e sabre precisamos de uma praça de tennis. Se o tempo estiver, porém, chuvoso, essas provas terão lugar sob coberta no pequeno estádio ora em construção.⁶

Mesmo com essa predominância do Fluminense na organização do evento, alguns outros espaços foram utilizados de forma específica para a organização de algumas competições. Um exemplo foi o caso das competições equestres, que tiveram sua realização proposta para a Quinta da Boa Vista, por uma série de motivos, tendo alguns ofícios sido enviados à “Comissão Central dos Jogos Latino-Americanos”.⁷

A divisão de verbas e organização de orçamentos também foi uma temática importante a ser analisada, quando se analisa os aspectos econômicos do evento. Vários foram os ofícios e documentos, explícitos no acervo do Arquivo Nacional sobre o Centenário do país, que demonstram como foi realizada a divisão de gastos por parte do governo e demais organizadores do evento. Vão desde gastos grandes, como despesas com as reformas do estádio, até menores, como custos com medalhas, materiais esportivos e impressos.

O valor para o recebimento das delegações também estava incluído, o que explicita, além de um fator econômico relevante, a perspectiva diplomática que movia parte da organização do evento em questão. Vejamos o exemplo com o orçamento

⁶ Carta da CBD destinado ao Fluminense F.C., 13 de junho de 1922. Acervo do Arquivo Nacional – Fundo 1I, Coleção “Comissão Executiva da Comemoração do Centenário da Independência1921 a 1925”.

⁷ Acervo do Arquivo Nacional – Fundo 1I, Coleção “Comissão Executiva da Comemoração do Centenário da Independência1921 a 1925”.

destinado a receber as delegações de Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile no Sul-Americano de futebol: só para a delegação chilena, foi estimado um custo de 68:567\$000, com passagens de avião que iam de Santiago para Buenos Aires e, na sequência, dessa para o Rio de Janeiro; para os paraguaios, o valor total gasto no orçamento foi de 54:732\$000; enquanto argentinos e uruguaios, por estarem geograficamente mais próximos, representaram cada um gastos de 38:730\$000.⁸ Por último, foi destacado que alguns “excessos” não faziam parte do referido orçamento:

Não estão incluídas as despesas de passeios, banquetes, automóveis, etc... nem as dos treinos do selecionado principal. O peso foi calculado à 2\$700 e o france a 600 rs. As passagens podem variar de valor, conforme o câmbio. Presentemente a tendência é para a baixa. É de toda conveniência que as passagens sejam asseguradas desde já, pois se forem retardadas, será talvez impossível [?] em vapor que saia em dia apropriado.⁹

Até mesmo parte da imprensa reivindicou valores para que pudesse assim, melhor cobrir o evento. *O Malho*, por exemplo, solicitou tais valores por ter “publicado os números de setembro e outubro e para publicar os de novembro com desenvolvimento maior que o exigido pelo ajuste feito com a mesma Comissão.¹⁰

Para 1922, se comparada à agenda esportiva de 1919 ocorrida no Rio de Janeiro, outras modalidades se incluíram na gama de competições que viriam a ocorrer na cidade do Rio de Janeiro durante o evento, o que estimulou novas obras e, no caso do estádio, nova ampliação de sua capacidade. Estima-se que a capacidade do mesmo chegou à vinte e dois mil espectadores (Malaia, 2011a, p. 173), porém alguns veículos da imprensa falaram que o estádio poderia suportar públicos próximos dos quarenta¹¹ ou cinquenta¹² mil torcedores.

Para além dos jogos, tais iniciativas não só permitiam a consolidação de novos espaços esportivos no âmbito da cidade, como também reconfiguravam os caminhos do Fluminense enquanto clube, no sentido de público e sócios. Como destaca João Malaia,

⁸ Acervo do Arquivo Nacional – Fundo 1I, Coleção “Comissão Executiva da Comemoração do Centenário da Independência1921 a 1925”.

⁹ Acervo do Arquivo Nacional – Fundo 1I, Coleção “Comissão Executiva da Comemoração do Centenário da Independência1921 a 1925”.

¹⁰ Acervo do Arquivo Nacional – Fundo 1I, Coleção “Comissão Executiva da Comemoração do Centenário da Independência1921 a 1925”.

¹¹ *Correio da Manhã*, 28 de agosto de 1922, p. 1.

¹² *O Imparcial*, 17 de setembro de 1922, p. 7.

segundo relatórios da Liga Metropolitana de Desportes Terrestres, filiada à CBD e então responsável pela organização do Campeonato Carioca de futebol,¹³ o aumento da arrecadação do clube em 1919 foi notável:

Em 1917 e 1918, o clube teria conseguido arrecadar cerca de 30:000\$000 com a venda de ingressos nos jogos que fez em seu estádio para o campeonato carioca daqueles anos, sendo que o clube sagrou-se campeão em 1918. No ano de 1919, após a inauguração do novo estádio, o clube faturou cerca de 43:000\$000 e em 1920, pouco mais de 44:000\$000, ou seja, um aumento de 50%, destacando que não houve aumento no preço dos ingressos (Malaia, 2011a, p. 171).

Porém, se antes Guinle havia conseguido empréstimos hipotecários para financiar as referidas obras de ampliação do estádio, para 1922 não foi possível fazer o mesmo. Como já é comum na atualidade, dentre os principais clubes brasileiros, naquele contexto o Fluminense também já acumulava dívidas altas. Dependeria assim de um aval do poder público para conseguir capitalizar valores a ponto de organizar as obras necessárias para os jogos.

Ao analisar outras questões, como as pressões do COI e da ACM para a realização dos Jogos do Centenário, no que se diz respeito às cobranças em relação aos atrasos da organização, não é de se estranhar que o governo nacional, ao visualizar o Fluminense como única e/ou maior esperança para “salvar” a realização do evento, negociasse parte dessas dívidas contraídas pelo clube, visando a concretização das obras.

Esse seria também um caminho para, enquanto uma nação que se colocava no âmbito das relações internacionais como pretendente ao posto de “país mais moderno da América do Sul” e que buscava uma cadeira na Liga das Nações, não queimar a imagem brasileira no exterior, notadamente na Europa e nos Estados Unidos. Malaia destaca algumas peculiaridades dessa questão relacionada à captação de recursos por parte do Fluminense F. C.:

O Fluminense acumulava dívidas de 2.500:000\$000 e precisaria de uma autorização especial do governo, através da assinatura de um decreto-lei, para conseguir operacionalizar uma nova captação de recursos para as reformas no clube, inclusive a ampliação do estádio. Arnaldo Guinle conseguiu aprovação junto ao governo, em decreto assinado pelo

¹³ Destaca-se que, nesse período, apesar de existir uma competição que hoje é entendida como “oficial”, existiam também outros campeonatos espalhados pelo Rio de Janeiro que também eram entendidos como “Cariocas”.

presidente Epitácio Pessoa, para contrair empréstimos através de obrigações ao portador, as debêntures, no valor de 100\$000 cada uma. Poderia contrair no máximo 5.000:000\$000 de dívida, ou seja, poderia emitir 50.000 títulos ao portador, pagando juros de 7% ao ano, no prazo de 30 anos (Malaia, 2011a, p. 172).

Engana-se quem pode pensar que, a priori, o clube teve altos prejuízos com os 7% de juros que deveria pagar. Pelo contrário, com a ampliação de suas sedes que, também, representaram aumentos de preços, joias e mensalidades, se fez possível faturar mais e, assim, melhor organizar o pagamento das dívidas. Mesmo, nesse caso, com uma pequena oscilação no número de sócios, que caiu em um primeiro momento quando ocorreu aumentos nas mensalidades, mas retomou o crescimento no ano do centenário, como vemos abaixo:

Para poder pagar os juros aos que compraram os títulos de 100\$000, houve aumento no valor das mensalidades e das jóias cobradas aos sócios. Se até 1919, o clube cobrou 50\$000 de jóia e 10\$000 de mensalidade,⁴⁰ a partir de 1920, a jóia passou para 100\$000 e as mensalidades para 15\$000.⁴¹ O clube retirou o limite de 2.500 sócios e passou a contar com 3.313 sócios em 1920. No ano seguinte o número de sócios caiu para 3.197. A pequena redução pode ser devido ao fato do aumento das mensalidades e da jóia. Porém, de 1919 para 1921, mesmo com o aumento nas mensalidades, quase 700 novos sócios a mais pagaram jóia e mensalidades para os cofres do clube.

Em 1922, quando o clube atingiu a marca de 3.580 sócios, jóia e mensalidades foram novamente elevadas. A jóia para se associar ao Fluminense passou para 200\$000 e as mensalidades para 20\$000. O número de sócios teve uma pequena queda, sendo que 777 saíram do clube. Mesmo assim, 368 novos sócios foram admitidos. Se o clube perdia 98:160\$000 com mensalidades, ganhava outros 73:600\$000 com o pagamento das jóias dos novos associados e ainda mantinha o clube com mais de 3 mil sócios que pagavam mensalidades 33% mais caras (Malaia, 2011a, p. 174).

As obras para a efetivação da ampliação do Estádio das Laranjeiras, se incluíram no projeto de revitalização da cidade para o centenário como um todo. Tudo pensado sob a liderança do arquiteto Hipólito Pujol Jr.,¹⁴ que era considerado, nessa altura, um dos mais importantes arquitetos brasileiros a trabalhar com concreto armado (Malaia, 2011a), que foi a tecnologia utilizada na revitalização e ampliação do estádio do Fluminense para o evento.

¹⁴ Hipólito Pujol Junior foi um engenheiro civil e arquiteto de São Paulo, que teve grande destaque no país nos primórdios do século XX.

Todo investimento, sem dúvidas, visava um retorno. A renda alcançada pela venda de ingressos nos Jogos do Centenário, foi mais positiva do que se esperava. Principalmente nos jogos de futebol, que com seu campeonato autônomo, foi a modalidade que mais movimentou a cidade financeiramente. Mesmo em um cenário esportivo ainda marcado pelo amadorismo (por mais que houvesse exceções nos bastidores), a predominância do capital econômico já se fazia presente.

Alguns jogadores de futebol, como também já demonstrado nesse capítulo, recebiam valores para assim integrarem o selecionado nacional. Como oficialmente predominava-se o amadorismo, tais valores eram entendidos como “premiações”, sendo no popular chamados de “bicho”. Isso evidenciava, desde já, um ainda incipiente cenário de profissionalização da prática, que se intensificaria com o caso do Vasco da Gama no Campeonato Carioca de futebol do ano seguinte¹⁵ e seguiria com força até os anos 1930, onde a partir de 1933 definitivamente consolidaria o profissionalismo nessa e em outras modalidades esportivas no país.¹⁶

A renda dos jogos foi muito debatida na imprensa do período. No *Jornal do Commercio*,¹⁷ por exemplo, estimava-se antes do evento e tendo em vista a capacidade do estádio, que seria alcançado uma média de 80 contos de réis por jogo:

Utilizando a média de ingressos a 4\$000, muito baixa levando em conta os valores reais de 3\$, 6\$ e 15\$000, o mínimo de onze jogos a uma frequência média de 20.000 pessoas por jogo, imaginava uma renda de 860:000\$000, média de 80 contos de réis por jogo. Como as despesas com os jogadores do Chile, Uruguai, Argentina e Paraguai somariam 200:000\$000, haveria um considerável lucro de 660:000\$000 (Malaia, 2011a, p. 174 e 175).

Ao analisar, entretanto, as rendas finais e definitivas do evento, João Malaia destaca que o lucro, apesar de alto, foi abaixo da estimativa então esperada. Em nenhum jogo se faturou os 80 mil contos de réis antes imaginados, tendo a partida de futebol que mais gerou lucro (Brasil x Uruguai), tido uma arrecadação de 63:963\$000, seguido do jogo Brasil x Argentina, com lucro de 54:018\$000 (Malaia, 2011a, p. 175). (Malaia ,2011a, p. 174 e 176) tentou encontrar uma justificativa para o faturamento ter sido tão abaixo da expectativa:

¹⁵ Ver MORAES, 2009; MALAIA, 2010.

¹⁶ Ver GOMES, 2019; DRUMOND, 2014.

¹⁷ *Jornal do Commercio*, 13 de maio de 1922, p. 5.

O Fluminense tinha 3.580 sócios que não pagavam para entrar, portanto, pouco mais de 18 mil pessoas deveriam pagar para entrar. Usando a baixíssima média de ingressos proposta pelo jornalista do período, 4\$000, as rendas deveriam rondar os 70:000\$000. Porém, havia espaços grandes, até maiores que as gerais, com ingressos a 6\$000(arquibancadas) e 10\$000 (cadeiras numeradas). Essa pode ser uma das explicações para o prejuízo da competição. Antes mesmo do início das provas, no balancete de agosto, os gastos da CBD com a organização da competição já somavam 1.345:000\$000, um prejuízo acumulado de 485:000\$000, mesmo com subvenções dadas pelo presidente Epitácio Pessoa.¹⁸

O torcedor, durante os Jogos do Centenário, teve que lidar com a compra de ingressos caros, comercializados com a chancela da CBD a valores altos, tanto para jogos como para treinos. Já era possível, também, identificar vendas paralelas nesse período, similares ao que hoje chamaríamos de “cambistas” (Malaia, 2011a). Mas como seria possível concluir que tais preços eram, de fato, altos para a época? Quanto o torcedor gastava? Como é possível identificar se determinados extratos da sociedade em 1922 tinham poder de compra para adquirir um ingresso de futebol, por exemplo?

Para responder algumas dessas indagações, algumas comparações com preços de produtos da época são válidas. Deve-se ter em conta que, em boa parte, os torcedores tinham, além dos valores dos ingressos, gastos com transporte público (como bondes ou trem), alimentação e outros detalhes que envolviam a programação de lazer esportiva no centenário.

Comparando os preços dos ingressos de futebol e outras modalidades esportivas, com outras atividades de lazer do período, se torna possível alcançar uma maior compreensão sobre até onde os eventos do centenário se transformaram em opções para a ocupação do tempo livre para pessoas de distintas classes sociais. Em pesquisa já realizada, Malaia (2011a) traz algumas dessas comparações e enfatiza que

Uma comparação da variação dos preços dos ingressos no futebol com os de outras atividades de lazer do período podem elucidar a maneira como tais eventos passavam a ser encarados tanto do ponto de vista dos organizadores, quanto dos consumidores do espetáculo. O preço dos ingressos, dos mais baratos aos mais caros, pode nos revelar uma certa classificação das opções de lazer, pelo menos das mais divulgadas na imprensa. Além das diferenças de preços entre as atividades, cada uma delas tinha também variação quanto aos valores cobrados. Quanto

¹⁸ *O Imparcial*, 24 de agosto de 1922, p. 9.

melhor a localização e acomodação para se assistir ao espetáculo, mais caros os ingressos.

Comparando com eventos anteriores, como os próprios jogos esportivos ocorridos em 1919 no Rio de Janeiro, é possível identificar um aumento proporcional dos ingressos em 1922. A venda de ingressos foi divulgada semanas antes pela imprensa, onde também foi explicitado os caminhos necessários para os torcedores conseguirem adquirir os ingressos. Em longa citação abaixo, é possível analisar essa questão, como destaca Malaia:

A “Comissão de Bilheterias” havia decidido que os ingressos seriam vendidos apenas em um único local, na Avenida Rio Branco, apenas para as provas do mesmo dia, não podendo o público adquirir entradas para jogos de dias posteriores. Além disso, com o objetivo de agilizar a venda, a bilheteria não daria troco. Justificava-se afirmando ser a medida “usada em toda a parte do mundo em festas de grandiosidade das esportivas” e que “o Centenário [visava] acautelar os próprios interesses do público, apressando a venda e impedindo os naturais dissabores oriundos do serviço do troco”. Divulgava-se ainda a possibilidade de se adquirir um pacote de ingressos para “todas as provas officiais dos festejos desportivos Latino-Americanos a se realizarem no stadium”, entre elas as competições de atletismo, boxe, além dos onze jogos de futebol, o jogo da Copa Rio Branco contra o Uruguai e os encontros de futebol das competições militares por 200\$000, “no ato”. A prática de carteiras de ingresso também foram utilizadas no Cinema Central, que vendia as “Carteiras do Centenário” a 15\$000, valendo para dez sessões de adulto e cinco de crianças, para qualquer filme, em qualquer horário. O futebol tinha o ingresso mais caro da competição, os 15\$000 das cadeiras numeradas. O mesmo setor custava 10\$000 para o atletismo e 5\$000 para o boxe. Nos eventos de esgrima, natação, remo, tiro, tênis e hipismo, não havia esse tipo de bilhete, apenas gerais e arquibancadas. Neste caso, os ingressos tais setores custavam, respectivamente 1\$000 e 3\$000 para o boxe, 1\$000 e 2\$000 para o atletismo, 2\$000 e 3\$000 para a natação e polo-aquático, 4\$000 e 5\$000 para o basquete, 2\$000 e 5\$000 para o hipismo. As provas de esgrima, tênis e tiro cobrava-se um preço único: 3\$000 (Malaia, 2011a, p. 195).

Em documento oficial do clube, o Fluminense F.C. destaca como a venda de ingressos e bilhetes de forma ilegal permeava alguns dos jogos do evento. Sem ser anacrônico, é possível ressaltar que os famosos “cambistas” (mesmo sem necessariamente serem chamados por essa nomenclatura na época), já começavam a atuar em eventos esportivos de grande porte. A agremiação destacou o caso de duas pessoas que entraram com bilhetes de forma irregular, denunciando o caso:

Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1922.

Exmo. Sr. Presidente da CONFEDERAÇÃO B. DE DESPORTOS

Tenho a honra de enviar a V. Excia., junto a este, dois ingressos, sendo um de atleta, fornecido pela Comissão Organizadora dos Festejos Desportivos do Centenário e o outro, um ingresso especial, fornecido pela Liga Metropolitana, ambos apreendidos na porta do estádio, domingo último, por não serem os respectivos portadores, como se verificou, os legítimos possuidores dos referidos cartões.

Sem mais, apresento a V. Excia. os protestos da minha estima e consideração.¹⁹

Portanto, nota-se que, mais do que somente construir/reformar os espaços destinados à realização dos jogos, as questões econômicas inerentes ao evento do centenário do Brasil se relacionaram, também, com perspectivas de classe, participação ou não de determinadas camadas sociais, entre outras questões. Para tais análises, um olhar para as experiências econômicas, com um método específico, se faz importante.

Quando se pensa metodologicamente a análise do esporte enquanto objeto historiográfico pela perspectiva da História Econômica, se faz importante também destacar outras questões. É bom ressaltar que existem diferenças entre um “historiador econômico” e um “economista que analisa a História”. O historiador não irá desconsiderar o arcabouço teórico da “área-mãe História” para entender seus objetos pelo viés economicista, algo que o economista, por se tratar de uma outra área do conhecimento, pode se dar ao luxo de fazer, dependendo do objeto que escolher ou de sua perspectiva de análise.

O historiador econômico, como destaca João Malaia, e tendo como base os referenciais teóricos de Edward Thompson, deve buscar compreender os aspectos culturais do cotidiano e, assim, buscar enxergar como esses se materializam na esfera econômica. Assim, antes de tudo, a “História Econômica” é por si só “História”, sendo um erro querer separar, como já aqui explicitado, seus acontecimentos de outras questões que ocorrem socialmente. Destaca o autor que

[...] muitos dos historiadores do desenvolvimento acabam caindo em um reducionismo econômico capaz de eliminar a possibilidade de

¹⁹ Carta do Fluminense F.C. destinado á CBD em 25 de outubro de 1922. Acervo do Arquivo Nacional – Fundo 1I, Coleção “Comissão Executiva da Comemoração do Centenário da Independência1921 a 1925”.

compreensão das complexidades de motivação, conduta e função do homem econômico (Malaia, 2011a, p. 160).

Esse panorama aprofunda, também, a principal referência teórica de Edward Thompson: o olhar para a experiência humana enquanto objeto de estudo. Enquanto um historiador marxista assumido, mas que buscou descontruir o olhar “ortodoxo” desse campo, lançado por parte dos acadêmicos mais renomados no âmbito das Ciências Humanas e Sociais até então, Thompson realizou críticas e problematizou a questão de entender o materialismo histórico apenas por um olhar economicista. Salienta o autor:

A história, todavia, é composta de episódios e, se não podemos adentrá-los, não podemos adentrar a história absolutamente. Isto tem sido sempre inconveniente para os esquemáticos. Tal como Engels notou em 1890: “[...] a concepção materialista de história [...] tem muitos amigos hoje em dia, a quem serve como desculpa para não estudar a história (Thompson, 2012, p. 133).

O olhar para as mudanças ocorridas no âmbito do lazer das classes populares na Inglaterra, no período de transição do campo para a manufatura, e dessa para a indústria a partir do século XVIII, se torna fundamental para o entendimento do desenvolvimento das práticas esportivas que, posteriormente, se expandiram pelo país e pelo mundo.

Assim, Thompson compreendeu que esse viés pode ser muito mais amplo e mais bem sustentado, quando analisamos as experiências cotidianas e culturais, visando compreender como essas vão se relacionar com as questões de mercado, economia e consumo. A partir desse caminho, destaca ainda que se faz possível alcançar melhores formas para se analisar o próprio sistema capitalista e seus efeitos, como as desigualdades, os efeitos do mercado, a indústria cultural do entretenimento, entre outros fatores. Destaca o autor que:

Um lapso na lógica histórica por meio do qual eventos políticos ou culturais são “explicados” em termos da afiliação de classe dos autores. Quando uma conexão, ou relação causal, se estabelece entre esses eventos (na “superestrutura”) com uma certa configuração de interesse de classe (na “base”), então se pensa que exigências de explanação histórica – ou pior, de avaliação – sejam satisfeitas caracterizando-se essas ideias ou eventos como burgueses, pequeno-burgueses, proletários etc. O erro do reducionismo não consiste em estabelecer essas conexões, mas em sugerir que as ideias ou eventos são, em essência, *o mesmo* que o contexto causal: que ideias, crenças religiosas

ou trabalhos de arte podem ser reduzidos (como se reduz uma equação complexa) aos “reais” interesses de classe que expressam (Thompson, 2012, p. 159).

Nesse cenário, Thompson explicita como as classes populares se incluíram nesse processo. E mais, como se desenvolveu a classe operária inglesa, não apenas a partir do olhar do “patrão” ou da “elite”, mas também pelo olhar do camponês que resistia, do operário em precárias condições de vida, das mulheres e crianças que trabalhavam nas fábricas, entre outros. Como destaca o autor,

Classe é uma formação social e cultural (frequentemente adquirindo expressão institucional) que não pode ser definida abstrata ou isoladamente [...] Quando falamos de uma classe, estamos pensando em um corpo de pessoas, definido sem grande precisão, compartilhando as mesmas categorias de interesses, experiências sociais, tradição e sistema de valores, que tem disposição para se comportar como classe, para definir, a si próprio em suas ações e em sua consciência em relação a outros grupos de pessoas, em termos classistas. Mas classe, mesmo, não é uma coisa, é um acontecimento (Thompson, 2012, p. 169).

Com isso, se pode considerar que as obras de Thompson são importantes por demonstrarem como a experiência das classes populares, a partir de uma história “vista de baixo” com destaque para seus costumes e culturas, são importantes para compreendermos o desenvolvimento do mundo contemporâneo, demonstrando que a vida não é tão linear como algumas correntes das Ciências Humanas e Sociais tendem a pensar.

Ao analisar comparativamente o caso colombiano, e tendo em vista as questões metodológicas acima colocadas, se faz notório que as questões econômicas e sociais também se evidenciaram a partir da construção dos dois estádios que envolveram os Jogos Bolivarianos, caracterizando uma grande modificação acerca da estrutura social de Bogotá que, assim, gerou influências na questão de mercado.

É importante destacar que, na década de 1930, o cenário socioeconômico do país era marcado por desigualdades e instabilidades. Ainda dentro de uma perspectiva de mercado fechado, que estava aos poucos se inserindo na lógica do capitalismo industrial, é possível pensar que o país se caracterizava até então por uma predominância agrária e campesina.

O desenvolvimento industrial, que mais fortemente ocorreu entre os anos 1930

e 1950, ainda era incipiente no contexto da pesquisa aqui trabalhada, conglomerando assim caracterizações distintas se comparado a outros cenários do mesmo período na América Latina e na Europa, incluindo o Brasil. Todavia, algumas questões demográficas e sociais relacionadas ao crescimento e expansão das cidades, começaram a se disseminar pela capital Bogotá, possibilitando assim a ampliação de diferentes ocupações de trabalho e lazer. Com isso, também se desenvolveram maiores atividades de entretenimento para que as pessoas pudessem desfrutar o “tempo livre”. Como destaca Bushnell o desenvolvimento industrial da Colômbia, iniciando-se pela capital Bogotá, começava a tomar novas caras a partir da década de 1930:

Bogotá, em começos do século escassamente superava os cem mil habitantes, no meio da década de 1930 contava com um quarto de um milhão. Este aumento refletia um ritmo acelerado de urbanização que também aparecia em Medellín, que em cifras seguira de perto a capital, e em Barranquilla. [...] Somente entre 1929 e 1945, a atividade industrial duplicou sua porcentagem dentro da produção total do país. O crescimento derivava boa parte de seu estímulo do impacto da depressão, que havia causado uma queda dos preços dos produtos de exportação colombianos e por isso havia feito com que os preços das importações fossem absolutamente inalcançáveis para muitos consumidores, uma vez que haviam desencadeado a reação defensiva do nacionalismo econômico já descrita. Durante os anos 1930 a produção têxtil em particular cresceu a um ritmo anual maior que o registrado na Grã Betânia durante a fase de <<desapego>> da Revolução Industrial (Bushnell, 2012, p. 268).

No cenário de desenvolvimento dos Jogos Bolivarianos, os principais fatores que podem ser aqui destacados e que estão relacionados à movimentação econômica foram, sem dúvidas, a criação dos dois estádios criados na cidade de Bogotá: o Estádio Alfonso López Pumarejo (Estádio da Cidade Universitária), localizado na Cidade Universitária da *Universidad Nacional de Colômbia* – Sede Bogotá; e o Estádio Nemesio Camacho (*El Campín*), uma das maiores e mais conhecidas sedes esportivas do país até a atualidade.

Diferente do caso brasileiro em 1922, que “apenas” reformou um espaço já existente para o evento do centenário, que era o Estádio das Laranjeiras, no caso colombiano foram construídos dois estádios considerados de grande porte para a época. Considerando que se tratava de um país até então com pouca tradição na organização e prática do esporte em alto rendimento, a efetivação desses projetos se faz relevante para pensarmos o quanto tais arquiteturas se colocavam dentro do projeto de inserção à

modernidade pensado no país, sendo o esporte carro chefe nesse sentido.

É importante destacar que os padrões culturais não devem ser compreendidos como subalternos em relação a economia ou a política. Thompson destaca que a experiência daqueles que foram “oprimidos” não foi passiva, mas sim tão importante quanto a dos “opressores”, sendo esse fator fundamental para uma melhor compreensão do mundo moderno, inclusive dos dias atuais. Como destaca o autor

[...] não existe desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo desenvolvimento ou mudança de uma cultura. E o desenvolvimento da consciência social, como o desenvolvimento da mente de um poeta, jamais pode ser, em última análise, planejado (Thompson, 1998, p. 304).

Essa perspectiva, no caso dos objetos aqui analisados, também colabora para a análise de questões mais amplas, relacionadas aos usos do esporte e de como sua experiência se interliga com questões nacionalistas ou diplomáticas. Vários autores problematizam as relações históricas do esporte com um determinado cenário econômico,²⁰ o que amplia a perspectiva *thompsoniana* exposta acima. João Malaia destaca que Wray Vamplew, historiador econômico e professor da University of Stirling, considera, por exemplo,

que os esportes são merecedores de um estudo mais aprofundado pelos pesquisadores de História Econômica não apenas por ser uma engrenagem importante da economia. Enfatiza que as atividades esportivas são afetadas por variáveis econômicas como a própria estrutura econômica de cada local, níveis de rendimento e disponibilidade de tempo livre da classe trabalhadora e a possibilidade de obtenção de lucro por parte de clubes e federações (Malaia, 2012, p. 161).

Tal visão vai ao encontro da perspectiva de se compreender diferentes manifestações culturais pelo prisma da História Econômica. No caso do esporte, especificamente, João Malaia destaca que Ben Carrington e Ian McDonald organizaram recente obra destinada a analisar a relação entre o marxismo, os estudos culturais e o esporte (Malaia, 2011a, p. 161 e 162). Nessa produção, os autores confirmam o avanço do campo da História Econômica nos estudos culturais e, de forma mais específica, no subcampo das Ciências Humanas e Sociais conhecido como “Estudos do Esporte”. Melo,

²⁰ Maiores informações sobre esse levantamento, ver MALAIA, 2011a.

Fortes, Drumond e Malaia, salientam, a partir do referencial teórico de alguns autores, que

Seria possível, por exemplo, utilizando o conceito de ciclo econômico de Kondratieff, tentar perceber como a indústria do esporte se inseriu, foi afetada ou afetou as diferentes flutuações da economia desde a segunda metade do século XIX até nossos dias. Ou poderíamos pensar, através do modelo analítico proposto por Giovanni Arrigui, no papel dos esportes no processo de globalização da economia, na passagem do ciclo britânico para o norte-americano de acumulação, que ocorria no mesmo período em que as práticas esportivas se disseminaram pelo mundo (Melo; Drumond; Forttes; Malaia, 2013, p. 85).

Os autores ainda demonstram como a formação de clubes se torna importante para a disseminação de um mercado do esporte. Esses, por outro lado, normalmente se vinculam a ligas ou federações que ampliam as agremiações de um determinado circuito ou campeonato esportivo, estabelecendo um calendário próprio e autônomo. Tendo em vista essas características, fica evidente a formação de dois pontos centrais do campo esportivo proposto por Bourdieu: entidades representativas (clubes) e um calendário próprio e autônomo.

Porém, além da formação de um “corpo técnico específico”, há uma outra caracterização pensada pelo autor que deve ser levada em consideração: ter um mercado ao seu redor. Com isso, Melo, Drumond, Fortes e Malaia destacam como investigar questões econômicas, podem ser importantes para o entendimento de um objeto:

Os clubes só se organizam em ligas e se propõem a produzir espetáculos esportivos para comercialização se houver demanda de consumo e capacidade de atendê-la. [...] Uma história dos preços dos ingressos de espetáculos esportivos e sua relação com a presença de público nos estádios, assim como a relação entre tal comparecimento, o valor das entradas e a localização das praças esportivas, pode vir a ser uma boa contribuição para análises seriais. Seria possível, nessa esfera, testar uma máxima da teoria econômica, a de que quanto maior a competitividade do campeonato, maior será o interesse e a procura por bilhetes (Melo; Drumond; Forttes; Malaia, 2013, p. 89).

Para se alcançar resultados plausíveis acerca da pesquisa sobre o esporte dentro de uma perspectiva da História Econômica, é importante ter em vista alguns cuidados metodológicos que se consolidaram como importantes para o melhor avanço qualitativo da investigação. Como antes fora explicitado, a análise do valor de produtos de

diferentes ramos existentes na sociedade e a comparação desses com, por exemplo, o custo de ingressos e outras formas de consumo relacionadas ao espetáculo esportivo dentro de um tempo e espaço, pode ser um caminho para se identificar como a questão econômica se choca com as temáticas sociais e culturais.

Malaia, em artigo que analisa os jogos esportivos ocorridos no Rio de Janeiro em 1919 e 1922 (mas que pode ser ampliado no olhar metodológico, também, para os Jogos Bolivarianos de 1938), salienta que é função do historiador econômico, assim

contextualizar os preços, estabelecer paralelos com outros itens do período, bem como dos salários da classe trabalhadora. Objetiva-se descrever e problematizar as regularidades e descompassos que se manifestam nas diversas situações econômicas que envolveram os eventos de 1919 e 1922, como a construção do estádio, as dificuldades de se formar uma equipe nacional em um país de dimensões tão extensas quanto o Brasil, a venda de ingressos e o deslocamento e acomodação do público nos estádios. Em suma, uma investigação do passado, uma micro-análise sobre o consumo de atividades de lazer, meios de transporte e o nível de vida da população. Tanto os esportes, quanto a sociedade capitalista estão alicerçados em competição, produtividade, secularização, igualdade de oportunidades, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados e fixação de regras - valores típicos da própria sociedade no qual se desenvolveu (Malaia, 2011a, p. 162).

Seguindo tais cuidados, o historiador econômico não irá, assim, naturalizar os preços do período estudado, como se estivessem a *pari passu* com os valores de seu tempo atual. Isso colabora para se evitar anacronismos e outros erros básicos dentro do trabalho historiográfico, compreendendo de forma mais clara como determinados valores de produtos se relacionaram com as questões da sociedade em questão, sendo tudo pensado dentro de um tempo e espaço específicos, delimitados pelas problemáticas da pesquisa.

Tendo todos esses cuidados em vista, ao analisar o caso colombiano em 1938, se faz possível identificar diferentes problemáticas possíveis para serem analisadas pelo prisma da História Econômica. Por exemplo, o Estádio da Cidade Universitária, criado em proporções menores se comparado ao *El Campín* e com uma proposta de ser, de fato, um estádio universitário, foi importante por sediar diversas modalidades dos Jogos Bolivarianos, tal como reconfigurar a cidade de Bogotá com mais uma possibilidade de espaço para a construção de distintas formas de sociabilidade a partir do esporte.

Já no *El Campín*, mais do que construir novos espaços de sociabilidade e de prática para distintas modalidades, foi marcante a necessidade de se pensar o esporte enquanto uma possibilidade de espetáculo. Pensou-se no futebol, tal como em outras modalidades que ali poderiam ser desenvolvidas, como parte de um mercado. Ou seja, dentro de um padrão relacionado à indústria cultural, que começava a interligar o esporte com os padrões capitalistas da modernidade pensada na Colômbia. Clark entende que essa espetacularização no cenário contemporâneo se trata de

[...] uma tentativa – parcial e inacabada – de trazer ao campo teórico uma série variada de sintomas em geral tratados pela sociologia burguesa ou pela esquerda convencional como etiquetas anedóticas aplicadas de forma um tanto leviana à velha ordem econômica: “consumismo”, por exemplo, ou “sociedade do lazer”; a emergência dos meios de comunicação de massa, a expansão da publicidade, a hipertrofia das diversões oficiais (Clark, 2004, p. 43).

As motivações para a efetivação da construção daquelas que se tornariam as duas principais praças esportivas da capital, se deu por distintas questões. Dentre os interesses envolvidos e motivações oriundas da construção dos dois estádios, David Quitián destaca que

Na ocasião, dizia-se: Em relação ao esporte, basta dar alguns indícios: [...] a construção do estádio National University (parte de um complexo projeto de complexo esportivo) obedeceu à ideia inglesa, aperfeiçoada pela tradição norte-americana, de um campus onde a energia da juventude será canalizada para a combinação de estudo e agonismo sublimado pelo esporte, que de fato é a base de todos os campis desses países [...]. Ao contrário, ninguém menos que Jorge Eliécer Gaitán, com sua visão populista e como prefeito de Bogotá, resolveu a polêmica sobre os rumos do esporte ao insistir, contra a ideia do governo, em colocar um polo popular alternativo ao esporte da capital, com a criação do estádio Nemesio Camacho, mais conhecido como *El Campín*. Foi uma decisão de encruzilhada (Quitián Roldán, 2009, p. 3, tradução nossa).

Essa perspectiva de consolidar um mercado via esporte se materializava no país desde as décadas anteriores, a partir de preocupações diversas e questionamentos que surgiam na população de então. Ruiz Patiño destaca, ao analisar a *Ley 80*,²¹ que

A lei foi necessária graças às diferentes preocupações que emergiram de forma decisiva de diferentes setores da população: 1) a chegada à

²¹ Lei sancionada em 1925 na Colômbia, com o objetivo de institucionalizar a prática da Educação Física e dos esportes no país. Maiores informações, ver o capítulo 1.

Colômbia da pedagogia moderna e da nova escola, com o Ginásio Moderno à frente; 2) a modernização do ensino religioso em espaços populares de escolas, como as instituições La Salle; 3) a importância do esporte para a higiene, impulsionado pela medicina, e 4) o debate sobre a raça e a importância de evitar sua “degeneração”, por meio do esporte (Ruiz Patiño, 2009, tradução nossa).

O cenário colombiano das três décadas iniciais do século XX, ficou caracterizado por um avanço econômico considerável no país, tendo em vista os referenciais anteriores. O êxito com a produção e exportação de matérias-primas como o café, principal produto agrícola do país, fez com que portas se abrissem para o mercado, rodando a economia nacional e movimentando diferentes setores. Com base na lógica “civilizatória”, utilizando-se de aportes teóricos de Nobert Elias (Elias, 1994), o esporte aos poucos foi sendo enquadrado como um padrão a ser seguido enquanto prática. E, ao adentrar na lógica espetacularizada dos entretenimentos contemporâneos, se transformou, também, em opção de mercado.

A perspectiva das elites nos anos 1930, no que se diz respeito à resolução de conflitos e tensões, passou a considerar parâmetros entendidos como mais “modernos e civilizados” enquanto caminhos, deixando de lado a violência e os conflitos de outrora para dar lugar a um caminho mais diplomático e negociador (Benninghoff, 2001).

Essa situação começou a ser evidenciada a partir do cenário de comemorações do centenário da independência do país, ocorridas em 1910. Foi nesse período que se tornavam notáveis os mercados de desenvolvimento do café e da produção de bananas, o que estimulou também outros avanços econômicos, como na área têxtil e na fabricação de cervejas. Tal contexto contribuiu para o crescimento econômico e demográfico do país, gerando o crescimento de cidades e melhorias nas políticas públicas de saneamento, saúde e higiene. Um cenário com características econômicas e políticas peculiares, que deixa explícito esses ocorridos:

[...] no início do século 20, Bogotá tinha cerca de 100.000 habitantes, Medellín com aproximadamente a metade; trinta anos depois, os habitantes das duas cidades triplicaram. Durante a década de 1920, o crescimento econômico do país melhorou de forma notável: “a economia cresceu a uma taxa média próxima a 7% ao ano entre 1920 e 1929”. Isso foi conseguido pelos motivos já citados, mas também pela indenização dos Estados Unidos pela perda do Panamá e pelo impacto da Missão Kemmerer na reorganização fiscal do país. Este período ficou conhecido como “a prosperidade do débito”, devido à enorme quantidade de

emprestimos que foram adquiridos. Tudo isso contribuiu, dentro de um contexto macroestrutural, para o crescimento do esporte e dos espaços para sua prática durante aquela década (Acosta, 2013, p. 49, tradução nossa).

Com a chegada do Partido Liberal ao poder nos anos 1930, novos padrões foram estabelecidos. Durante seus primeiros anos, a presença do esporte foi se disseminando, não só entre partes da elite e de populares dos grandes centros, mas também em diferentes departamentos do país que, a priori, eram entendidos como mais afastados ou interioranos.

Os Jogos Nacionais, iniciados em 1928 e já aqui explicitados, tiveram grande significado simbólico na construção dessa integração entre as diferentes regiões do país, tal como no processo de construção de uma infraestrutura para as modalidades, movimentando, assim, um primeiro cenário econômico ao redor do esporte nacionalmente. “Pode-se dizer que o desenvolvimento do esporte no período de 1930-1934 foi sustentado e potente, em parte devido ao referido processo social que vinha ocorrendo desde o início do século e em parte devido às Olimpíadas nacionais” (Acosta, 2013, p. 49, tradução nossa).

O governo López Pumarejo, marcado por *la Revolución en Marcha* que aqui já fora destacado, construiu caminhos que relacionavam o esporte com o desenvolvimento político e econômico do país. Foi em seu âmbito que consolidaram, também, os projetos de construção dos dois estádios aqui referendados. López Pumarejo prometeu uma série de políticas, que hoje seriam entendidas como mais progressistas, que impulsionaram o país a um nível de desenvolvimento relacionado aos ideais de modernidade (Ruiz Patiño, 2008).

Como destaca Acosta, em seu governo

Não optou pela via populista nem pela via da Frente Popular, pois o líder da República Liberal era um democrata republicano burguês, “[um] free trader [...] ortodoxo na gestão do Tesouro público, [que] atacava o protecionismo concentrador de privilégios”. Com López, começaram duas das mais importantes modernizações do sistema educacional: as reorganizações da Escola Normal Superior e da Universidade Nacional (Congresso da República da Colômbia, 1935). Também foram criados estabelecimentos de ensino fundamental e médio que deixaram de ser monopólio da igreja e foram introduzidas escolas mistas. Realizou-se uma reforma que optou pela pedagogia moderna e procurou-se difundir a leitura e a cultura em todo o país por meio da Campanha de Cultura de

Aldeia e promoção de bibliotecas; enquanto, de forma complementar, buscou-se resgatar o popular como "peça-chave no projeto de construção de uma arte e cultura nacional (Acosta, 2013, p. 49, tradução nossa).

O cenário econômico não se desconectava dos caminhos políticos do país. E, em 1938, os interesses do governo passavam pelo esporte e seus equipamentos. Tentando vincular Bogotá a uma ideia de desenvolvimento acadêmico e científico, buscou-se assim estabelecer um parâmetro diplomático onde a capital do país fosse vista como um modelo em distintos quesitos, inclusive acadêmicos: "López acreditava que Bogotá deveria estar intimamente ligada à vida da universidade e acreditava que manter o estádio dentro desta era um bom pretexto para alcançá-lo."²² Não à toa, foi nesse cenário que o governo comprou os prédios e espaços necessários, então pertencentes a José Joaquim Vargas, para a construção da Cidade Universitária da Universidad Nacional em Bogotá, local onde também foi construído o estádio universitário (Niño, 2003, p. 172).

Nesse sentido, e de acordo com o processo histórico de inserção da pedagogia ativa e da nova escola, "o aluno seria considerado não só como um sujeito que escuta palestras e faz exames, mas um ser humano em formação; devem receber as melhores oportunidades de desenvolvimento mental, intelectual, fisiológico e social "; com que do "interesse pela vida extra-universitária surgiu a ideia de considerar não só salas de aula e gestão de ensino, mas também ginásios, centros de cultura física, auditórios, locais de recreação e residências para alunos" (Acosta, 2013, p. 56, tradução nossa).

Em período similar ao cenário de institucionalização da Educação Física no Brasil,²³ fruto de um debate maior que ocorria em diferentes partes do mundo acerca das práticas corporais, se iniciaram em 1936 as obras de urbanização em Bogotá que visavam adequar os espaços universitários na cidade, tendo o Instituto Nacional de Educação Física iniciado no ano seguinte (Acosta, 2013, p. 56).

A planta integrava dois estádios: um para o futebol e outro para o atletismo que, com o tempo, acabaram sendo fundidos em um único projeto, até pela questão da viabilidade econômica (Niño, 2003, p. 56).

²² "É nesse quadro histórico e discursivo que se inicia a construção da cidade universitária. Com o processo em andamento, a primeira coisa que o governo fez foi comprar o terreno necessário para a construção da Cidade Universitária de José Joaquín Vargas, proprietário da Fazenda El Salitre." ACOSTA, 2013, p. 34 e 56, tradução nossa.

²³ Maiores informações, ver MELO (1996).

Inclusive, um espaço para a construção de um campo de beisebol, esporte que se consolidou com maior força na região do Caribe do país, havia sido pensado a priori. As obras do estádio Alfonso López Pumarejo se iniciaram em setembro de 1937, tendo sido concluídas para as competições em junho de 1938 (Niño, 2003; Acosta, 2010). Algumas dificuldades ocorreram, como cita Acosta:

Por sua vez, o estádio da Universidade Nacional também enfrentou dificuldades políticas, como foi o caso do pretexto que Carlos Arango Vélez deu para sua renúncia à prefeitura em 6 de maio de 1936: a localização da cidade universitária contribuiu para a valorização das terras vizinhas da família presidencial, o que representava “oportunismo” e “desonestade”. Gaitán, na época, usou os mesmos motivos de Arango para se opor à construção de uma arena esportiva que rivalizasse com a da cidade (Acosta, 2013, p. 57, tradução nossa).

No caso de *El Campín*, é importante destacar que o projeto para a construção de um “Estádio Nacional” é anterior ao de consolidação dos Jogos Bolivarianos enquanto evento festivo no país. Já era previsto na *Ley 12* de 1934, que tinha como objetivo a reorganização do Ministério de Educação da Colômbia, dialogando com a *Ley 80* que versava sobre os esportes no país, que se construísse um estádio de grande porte na Colômbia. Destaca Acosta que

Esta lei cria o quadro legal que permite, a 10 de setembro do mesmo ano, à Câmara Municipal nomear “uma comissão que está em parceria com a Comissão Nacional de Educação Física (CNEF) para estudar o procedimento a adoptar para realizar a criação do Estadio Nacional” (Acosta, 2013, p. 53, tradução nossa).

No mesmo ano, em 17 de novembro, um comunicado foi enviado ao prefeito de Bogotá, Junior Pardo Dávila, onde foi solicitado pela CNEF que “ao Conselho Pró-Centenário da cidade que inclua nas obras urbanas os projetos de um Estádio ou praça esportiva, com um orçamento mínimo de \$ 400.000 (quatrocentos mil pesos)” (Acosta, 2013, p. 57, tradução nossa).

Em 1935, foi criada uma junta destinada a desenvolver o projeto de construção do estádio. De início e com o aval presidencial, se pensou em construir um Estádio que se vinculasse à Universidad Nacional (que depois, seria o Estádio da Cidade Universitária). Porém, a proposta de construir um estádio universitário não foi bem

aceita por todos. Por exemplo, Jorge Gaitán,²⁴ membro do Partido Liberal e um dos maiores nomes desse campo político, se opôs à parte desse olhar então defendido por López Pumarejo. Entendia que o estádio deveria ir além do mundo acadêmico, sendo assim também destinado ao povo e fazendo rodar, economicamente e culturalmente, a vida social dessa parcela da sociedade.

Não que o Estádio da Cidade Universitária, que também veio a ser construído, se destinasse apenas ao público acadêmico. Mas pelo menos no âmbito do discurso, a defesa daqueles que eram contrários, se fazia no sentido de dizer que poderia existir uma predominância do público das universidades em algo que deveria “ser de todos”. Por isso, foram para frente os dois projetos, já que vincular o esporte às universidades era também parte importante do projeto de López Pumarejo. Destaca Zea, que “Gaitán diminuiu o tom polêmico, quando o terreno foi doado para a construção do estádio de Bogotá” (Zea, 1987, p. 34, tradução nossa). Acosta destaca que a temática do estádio voltou à tona em

3 de janeiro de 1936, quando o CNEF comunica ao Ministro da Educação, Jorge Zalamea, que “Don Luis Camacho M. [um aliado da causa de Gaitán] deu a Bogotá 43 alqueires de grāça para construir o Estadio”. Em seguida, no dia 6 de fevereiro, é processada a doação do terreno. Em um gesto de reciprocidade, a Câmara lhe envia uma carta de agradecimento informando que o estádio terá o nome de seu pai, Nemésio Camacho. Diante do gesto de generosidade do empresário, a classe trabalhadora decidiu não ficar para trás e por isso a Unión Deportiva Obrera (UDO) aprovou por unanimidade em sua sessão de 6 de fevereiro uma “doação feita para o estádio de Bogotá”. Em uma sessão de 14 de fevereiro, o Conselho rejeitou a oferta dizendo que “por ordem presidencial [ele] foi ordenado a arquivar (Acosta, 2013, p. 54, tradução nossa).

Gaitán se esforçou para conseguir 350 mil pesos em agosto de 1936, visando a construção do estádio. A partir de um Decreto (268), ficou destinada tal verba para a construção do “estádio nacional”, tendo os atrasos em sua obra gerado manifestações nas ruas de Bogotá.

Junto com seus dois estádios, inaugurou cinco playgrounds para crianças de bairros populares e foi definido um período de quatro anos

²⁴ Jorge Eliécer Gaitán foi um dos maiores líderes do Partido Liberal no século XX. Foi assassinado em 09 de abril de 1948, tendo esse fato sido o estopim para uma série de eventos e conflitos no país que ficaram conhecidos como *Bogotazo* e *La Violencia*.

para comprar “a arena de touros ao custo de 190.000 pesos, para usá-la no tênis, basquete e concertos”.²⁵

Os Jogos Bolivarianos foram, então, centrais na celebração organizada para se festejar o aniversário da capital do país. Foi, no caso do desenvolvimento das práticas esportivas, a “cereja do bolo” de um processo que vinha se desenhando nas décadas anteriores, a partir da reconfiguração da cidade. E com a nova concepção política a partir da entrada do governo liberal, o esporte incorporava as características centrais do “homem moderno”: Promovia a higiene, saúde, educação, entretenimento “saudável”, a melhor forma de combater uma vida sedentária e o aprimoramento da “raça e sua beleza” (Acosta, 2013, p. 57).

A agenda esportiva passou, assim, a fazer parte também de uma agenda do entretenimento, pautada por questões relacionadas diretamente ao mercado do país. Para além dos jogos em si, era comum visualizar nos jornais eventos paralelos, como as tradicionais touradas, existentes até hoje no país.²⁶ Ou mesmo, no âmbito dos Jogos Bolivarianos, a criação de diferentes formas de apostas em casas lotéricas, utilizando-se do esporte para movimentação econômica em mais um caminho possível.²⁷

Assim, é possível identificar algumas das características que eram entendidas como centrais dentro da construção de um mercado do entretenimento, considerando essa nova configuração política do país. Um novo cenário social, uma nova vida urbana e distintas formas de sociabilidade e ocupação do tempo livre, se materializaram também em novas formas de mercado, lazer e entretenimento. O esporte, como não foi diferente em outros cenários em que a ideia de modernidade fruto da industrialização burguesa foi consolidada, se fez presente neste processo. Nesse sentido, a consolidação da construção de equipamentos (como os estádios) e outras obras abertas às questões do lazer, são explicações deste processo. Como destaca Acosta sobre *El Campín*:

O palco representou aquela integração “uteromimética” de que fala Gabriel Restrepo. Nesse sentido, o estádio El Campín continua a ser um “útero” acolhedor, mas Alfonso López tornou-se um belo “óvulo” dentro de um “útero” maior: a alma mater. Podemos dizer também que, embora o esporte tenha se tornado uma diversão para a população desde os anos 20, com o boxe, e nos anos 30, com o atletismo e o futebol, entre

²⁵ *El Tiempo*, 15 de maio de 1938, p. 7, tradução nossa.

²⁶ *El Tiempo*, 03 de agosto de 1938, p. 3.

²⁷ *El Tiempo*, 24 de agosto de 1938, p. 3.

outros; a construção dos estádios significou a transição definitiva de Bogotá para o esporte como espetáculo, que talvez seja sua característica mais visível em nossos dias e constitui uma das expressões mais importantes das sociedades modernas (Acosta, 2013, p. 58, tradução nossa).

Já na inauguração dos jogos, o Estádio da Cidade Universitária recebeu um grande público, digno de grandes eventos mundiais, não só no esporte, mas também como em festas cívicas ou diplomáticas. Importante como marco e pontapé inicial dos jogos, o estádio se caracterizou como um dos pontos altos do evento organizado na Colômbia, tendo logo em sua primeira aparição alcançado um público de mais de vinte mil pessoas.²⁸ Como é destacado no calor do momento pelo periódico bogotano *El Siglo*,

Mais de 20.000 pessoas compareceram ao Estádio Ciudad Universitaria para testemunhar a abertura dos Jogos. [...] Os Jogos Esportivos Bolivarianos foram solenemente inaugurados ontem à tarde no amplo estádio universitário. Mais de seiscentos atletas que participarão das competições bolivarianas, desfilaram em frente à tribuna presidencial - O doutor Alfonso López declarou solenemente inaugurados os jogos - A apresentação no estádio das delegações esportivas - O emocionante ato de soltar os pombos que partiram na direção aos países bolivarianos, anunciando a abertura dos jogos - As cerimônias formais realizadas - A exibição das bandeiras, aos acordes dos hinos dos países particulares.²⁹

Tal público explicitou muito mais que apenas a euforia dos colombianos pelo início dos jogos e a paixão desse povo pelos esportes, com destaque para o futebol, que foi a modalidade que inaugurou o espaço. Demonstrou também a força econômica que um evento desse porte poderia gerar, sendo mais do que necessário, se o lucro também for um dos objetivos da festa, se consolidar localidades e espaços destinados a receber o público, como eram os recém-criados *El Campín* e o Estádio da Cidade Universitária.

As partidas eram sempre muito exaltadas pela imprensa, que também destacava a beleza dos estádios e a importância desses para a efetivação dos jogos. Um exemplo foi a partida entre Peru, que seria o campeão do torneio de futebol, com a Colômbia, por essa mesma modalidade. Tendo inaugurado o certame para os colombianos, alguns periódicos aproveitaram-se do fato de ser esse um dos jogos mais esperados até então, para exaltar parte da organização e estrutura construída pelo país para o evento, como o

²⁸ *El Siglo*, 06 de agosto de 1938, p. 9.

²⁹ *El Siglo*, 06 de agosto de 1938, p. 9, tradução nossa.

próprio estádio *El Campín*.³⁰ Como vemos nas páginas de *El Espectador*:³¹

Nada menos que 50.000 pessoas assistirão esta manhã à inauguração do grande estádio municipal <*El Campín*>, uma das belas conquistas inauguradas no centenário. [...] Depois que as bandas tocaram o Hino Bolivariano, escrito por Alfredo Gómez Jaime, o Hino Nacional foi tocado na entrada do presidente com sua comitiva. O Luégo deu início ao desfile da Educação Física e da guarda olímpica [...]. A organização do trânsito foi digna de admiração e a que se implantou para que o público pudesse entrar e sair com conforto.³²

Assim, fica notório o quanto o público foi importante para se consolidar os interesses, não só diplomáticos, mas também econômicos dos agentes fomentadores do evento. Se na inauguração do Estádio da Cidade Universitária teve-se um número próximo dos 20.000 espectadores, em *El Campín* esse número mais do que dobrou, deixando explícito a formação de um “mercado ao redor” do evento esportivo que se desenvolvia, característica essa que foi importante para a consolidação do campo esportivo, segundo Bourdieu.

À guisa de conclusão

Ao compararmos o caso colombiano com o caso brasileiro, ocorrido dezesseis anos antes, percebe-se similaridades ao que se refere a tentativa de se formar espaços que conglomerem o maior número possível de espectadores (no caso do Brasil, tratava-se do Estádio do Fluminense e, na Colômbia, do *El Campín* e do Estádio da Cidade Universitária), incentivando assim a formação de um mercado e públicos específicos pelo esporte.

Em ambos os casos, essas questões vão se relacionar, também, com os cenários políticos dos dois países, incentivando novas relações diplomáticas por parte de ambos. Nessa questão em específico, se enxerga distinções que possibilitam lançar olhares que caracterizam os interesses dos dois países nas relações internacionais de então, evidenciando o porquê de as práticas esportivas terem sido entendidas como uma possibilidade de caminho para se pensar a nação em seu cenário de festa.

Portanto, buscou-se neste artigo problematizar tais questões, de forma que se

³⁰ *El Espectador*, 08 de agosto de 1938, p. 3.

³¹ *El Espectador*, 15 de agosto de 1938, p. 3.

³² *El Espectador*, 15 de agosto de 1938, p. 3, tradução nossa.

torne possível pensar, dentro de uma perspectiva comparativa, como o cenário econômico se faz importante para o entendimento de parâmetros sociais, culturais e políticos mais amplos de ambos os países.

Sem necessariamente esgotar tal tema ou definir caminhos imutáveis sobre o mesmo, o exercício deste trabalho é o de possibilitar o aumento das ferramentas que nos permite lançar um olhar mais apurado acerca dos eventos estudados em 1922 no Rio de Janeiro e 1938 em Bogotá, trazendo assim novas perspectivas para o campo da História do Esporte que, até o presente momento, ainda se utiliza pouco do arcabouço teórico da História Econômica, mesmo com todas as questões ligadas ao mercado que estão diretamente relacionadas com esse objeto.

Referências Bibliográficas

- ACOSTA, Andrés. **Deporte y política**: Berlín 1936, la primera participación de Colombia en una olimpiada. (Trabajo de grado), Departamento de Historia, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá. 2010.
- ACOSTA, Andrés. Elementos sociohistóricos intervenientes en la construcción de los estadios Alfonso López e El Campín para los primeros Juegos Bolivarianos: Bogotá, 1938. **Revista Colombiana de Sociología**, Bogotá, v. 36, n. 01, p. 43-62, jan-jun 2013.
- BARROS, José D'Assunção. "História Econômica: considerações sobre um campo disciplinar". **Revista de Economia Política e História Econômica**, n. 11, 2008, pp. 5-51, p. 36.
- BENNINGHOFF, F. **¿Cuánta tierra civilizada hay en Colombia?** Guerras, fútbol y élites en Bogotá 1850-1920. (Trabajo de grado), Departamento de Historia, Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim do século, 2003, p. 181-204.
- CLARK, T.J. **A pintura da vida moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DRUMOND, Maurício. **Estado Novo e esporte**: a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945). Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.
- ELIAS, Nobert. **O processo civilizador** – Volume 1: uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

GARCIA, Eugênio Vargas. **Liga das Nações.** Verbete CPDOC/FGV. In: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeirarepublica/LIGA%20DAS%20NA%C3%87%C3%95ES.pdf>. Acesso em 05/10/2022.

GOMES, Eduardo de Souza. **A invenção do profissionalismo no futebol:** tensões e efeitos no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954). Curitiba: Appris, 2019.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos:** o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MALAIA, João. **Revolução Vascaína:** a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. 501 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MALAIA, João. A história econômica entra em campo: o Rio de Janeiro e as competições esportivas internacionais de 1919 e 1922. **Revista de Econômica Política e História Econômica**, Ano 9, n. 27, 2011a.

MALAIA, João. Jogos Olympicos do Rio de Janeiro no Centenário de 1922: olhares sobre a política de um projeto de unificação e celebração da nação através do esporte. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História da ANPUH*. São Paulo: ANPUH, P. 1-16, 2011b.

MELO, Victor. **Esporte e lazer:** conceitos – uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; MALAIA, João. **Pesquisa histórica e história do esporte.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

MORAES, Hugo. **Jogadas Insólitas:** amadorismo e processo de profissionalização do futebol carioca (1922-1924). Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

NIÑO, C. Murcia. **Arquitectura y Estado.** Contexto y significado del Ministerio de Obras Públicas. Colombia 1905-1960. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2003.

QUITIÁN ROLDÁN, David Leonardo. Gaitán, el fútbol y la Universidad Nacional. **En Asciende, Memorias Cátedra Jorge Eliécer Gaitán. Sociología 50 años.** Clase 9. Universidad Nacional, Bogotá, 2009, p. 2-15.

QUITIÁN ROLDÁN, David Leonardo. Deporte y modernidad: caso Colombia. Del deporte en sociedad a la deportivización de la sociedad. **Revista Colombiana de Sociología**, Bogotá, v. 36, n. 01, p. 19-42, jan-jun 2013.

QUITIÁN ROLDÁN, David Leonardo. Deporte y modernidad en Colombia: una historia en clave de violencia. In: MELO, Victor Andrade (org.). **O esporte no cenário ibero-americano**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015a, p. 27-37.

QUITIÁN ROLDÁN, David Leonardo. Del invento inglés al criollismo patrio: el desarrollo del fútbol en Colombia. In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (orgs.). **Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015b, p. 295-316.

RUIZ PATIÑO, Jorge Humberto. **La política del sport:** elites y deporte en la construcción de la nación colombiana, 1903-1925. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Políticos) – Pontifícia Universidad Javeriana, Bogotá, 2009.

SOARES, Luiz Carlos. **A Albion revisitada**. Rio de Janeiro: 7 Letras/Faperj, 2007.

SZMRECSÁNYI, Tamás. “Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Estudo da História Econômica”. **História Econômica & História de Empresas**, v. XI, n. 2 (2008), pp. 31-43, p. 41.

THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward. As peculiaridades dos ingleses. In: NEGRO, Antônio Luigi, SILVA, Sérgio (orgs.). **E. P. Thompson – as peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. p. 75-180.

ZEA, S. 1987. **Esponjas del Caribe Colombiano**. Bogotá: INVEMAR, 1987.

Recebido: 15/11/2022

Aprovado: 22/10/2024